



GT 009. Antropologia da Criança: conjugando direitos e protagonismo social

Fernanda Cruz Rifiotis (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) - Coordenador/a, Clarice Cohn (UFESCar) - Coordenador/a, Emilene Leite de Sousa (UFMA) - Debatedor/a, Antonella Maria Imperatriz Tassinari (Universidade Federal de Santa Catarina) - Debatedor/a

O objetivo do GT é reunir trabalhos que tenham como foco os modos pelos quais as crianças se constroem enquanto sujeitos, a fim de mapear e problematizar os desafios teóricos e metodológicos no campo da Antropologia da Criança. Como forma de dar continuidade aos GTs realizados em outras RBAs, interessa-nos trazer para o primeiro plano das reflexões, o potencial das crianças para revelarem o que nem sempre é objeto de atenção em estudos focados exclusivamente nos adultos. Gostaríamos de receber trabalhos sobre infâncias diferenciadas (crianças urbanas, camponesas, quilombolas, indígenas, de populações tradicionais, em situação de institucionalização, entre outras) que suscitem questões de gênero, raça e direitos específicos. Considerando o tema da 31ª RBA, destacamos a importância de pensar sobre os direitos e a proteção desses sujeitos, assim como também sobre os sujeitos desses direitos e seu protagonismo social. A proposta do GT é congrega pesquisas etnográficas recentes que suscitem discussões teóricas, metodológicas e éticas em diferentes contextos nacionais e internacionais abrangendo: estudos que pensem as experiências de construção das crianças enquanto sujeitos, que empreendam análises das tecnologias de governo voltadas às crianças, que exercitem reflexões metodológicas sobre a pesquisa com crianças e discutam as noções sociais de infância e que coloquem em perspectiva a questão da proteção e dos direitos desses sujeitos e seu protagonismo social.

Aprendendo a escutar: Infância, gênero e subjetividade em duas biografias norte-americanas de crianças transgênero

Autoria: Luiza Ferreira Lima

O presente work se propõe a iniciar uma investigação sobre elementos organizadores da composição literária que visam dar inteligibilidade e legitimidade ao processo de formação e reivindicação de identidade de gênero de crianças transgênero em biografias publicadas nos Estados Unidos. Parte de minha pesquisa mais ampla de doutorado, que se debruça, em uma perspectiva comparada, sobre processos de subjetivação inscritos em e produzidos por biografias e autobiografias elaboradas por ou sobre pessoas transexuais e publicadas no Brasil e nos Estados Unidos, neste paper me concentro em 2 obras: "Raising My Rainbow: Adventures in raising a fabulous, gender creative son?", de Lori Duron (2013); e "Raising Ryland: Our story of parenting a transgender child with no strings attached?", de Hillary Whittington e Kristine Gasbarre (2015). Escritos por mães e publicados nos últimos anos, tais livros surgem em um momento de intensificação do debate público sobre a articulação entre infância e transgeneridade nos Estados Unidos, e de acirramento de conflitos jurídicos levados a cabo em reivindicação de direitos referentes à identidade de gênero de crianças transgênero, em especial no contexto escolar e como envolvendo uso de nome social e pronomes escolhidos pelas crianças em documentos institucionais, acesso a banheiros, prática de educação física e enfrentamento de segregação e bullying. Subjacentes a essas dissidências estão sentidos não só de permanência ou transitoriedade de gênero, seu aspecto natural ou socialmente construído, bem como modelos de feminilidade e masculinidade, mas também sentidos de infância e constituídos por pressupostos de (in)capacidade de entendimento do mundo social, (in)comunicabilidade, (ausência de)autoconsciência. De que modo as duas publicações citadas reagem a esse contexto social tenso e a esses sentidos? Considerando



a articulação entre condições histórico-sociais que estruturam a existência da produção literária, este work é norteado pelas seguintes questões: quais representações de pessoa, infância e transgeneridade são reproduzidas e quais são questionadas nestas duas obras? Quais regimes de discursividade são acionados e quais são afastados? O que essas crianças estão comunicando sobre si, sobre quem são e como vivenciam o gênero e o corpo, quem as está levando a sério e quais são as estratégias narrativas mobilizadas pelas autoras para fazer com que o dito seja não só compreendido mas também a ele se atribua aceitabilidade? De que modo a relação entre mãe e filho marca os motivos e os caminhos da escrita e quais os efeitos desejados que esses textos assinalam em termos de constituição da subjetividade política destas crianças?

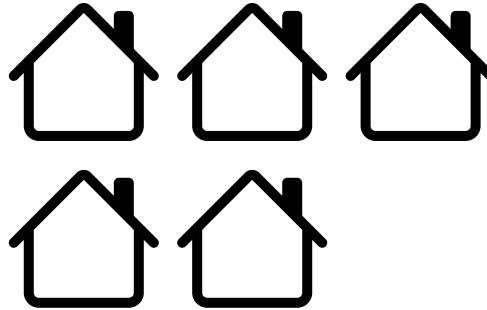
[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

